

**DISCURSO RELATADO COMO ESTRATÉGIA
ORGANIZADORA DA NOTÍCIA**
Reported speech as a strategy to organize the news

Vera Lúcia de Albuquerque SANT'ANNA (Universidade do Estado do
Rio de Janeiro – UERJ)

Abstract

This article presents part of my doctoral dissertation, which focused on the observation of the process of discursive constitution of the world of work in news from the newspapers Clarín and Folha de S. Paulo, in the scope of Mercosul. Tje article is restricted to the exposition of the criteria that guided the study of reported speech (RS) as the main organiser of the news, a discursive genre whose enunciative basis is the tension between informing and expressing opinion. The option for the study of RS springs from my interest in verifying the distance between those two acts, as informing has been considered responsible for the idea of objectivity that sustains the characterization of the news text. It was possible to conclude that, in the constitution proposal of a continuum of occurrences, the notion of “narrated” speech stands out as one of the basic strategies for the institution of the idea of information objectivity, which derives from the enunciative perspective of the enunciator/journalist.

Key-words: *discourse genre; news; enunciative heterogeneity; reported speech.*

Resumo

Este artigo apresenta um recorte do estudo efetuado em nossa tese de doutoramento, cuja proposta centrava-se na observação do processo de constituição discursiva do mundo do trabalho em notícias dos jornais Clarín e Folha de S. Paulo, que tinham como marco o Mercosul. Escolhemos para este artigo a exposição dos critérios que nortearam o estudo do discurso relatado (DR) como organizador principal da notícia, enquanto gênero discursivo cuja base enunciativa é a tensão infor-

mar/opinar. A opção pelo estudo do DR deve-se ao interesse de pesquisa em verificar a distância entre esses dois atos, já que informar vem sendo responsabilizado pela idéia de objetividade que sustenta a caracterização do texto noticioso. Foi possível constatar que, na constituição de um continuum de ocorrências, sobressai a noção de discurso narrativizado como uma das estratégias básicas para a instituição da idéia de objetividade da informação, que nasce da perspectiva enunciativa do enunciador-jornalista.

Palavras-chave: *gênero de discurso; notícia; heterogeneidade enunciativa; discurso relatado.*

1. Introdução

Para este artigo, fizemos um recorte nos resultados obtidos nas análises efetuadas em nossa tese de doutoramento (Sant'Anna, 2000), cujo objetivo foi verificar como, nos jornais *Clarín* e *Folha de S. Paulo*¹, estaria sendo construída discursivamente a participação do mundo do trabalho no processo de integração no marco do Mercosul, quando o tema das notícias fosse a indústria automotiva. Sendo assim, apresentamos aqui resultados conectados a delimitações de ordem metodológica, com sustentação teórica na Análise do Discurso (AD) de orientação enunciativa – em especial, a dos trabalhos do conjunto de analistas franceses que incorpora a vertente iniciada por Bakhtin e seu círculo (1929; ed. bras. 1995) –, que levaram a reflexões relacionadas aos estudos do discurso relatado e da notícia enquanto gênero discursivo.

O contexto de execução da pesquisa, apresentada aqui de modo parcial, inscreve-se num momento de cruciais discussões sobre os processos de integração regional – dos quais participam os países envolvidos no Mercosul – e sobre o papel que tem nesse contexto o mundo do trabalho. Os estudos sobre o mundo do trabalho, por sua vez, têm es-

¹ Note-se que mantivemos a identificação das fontes consultadas, uma vez que foi obtida autorização para usar o material.

treita ligação com as propostas do grupo de pesquisa Atelier – PUC/SP, que vem desenvolvendo investigações inseridas na linha de pesquisa “Linguagem nas relações de trabalho”².

O objetivo deste artigo, portanto, é expor os critérios que nortearam os passos estabelecidos para a definição dos caminhos da análise dos discursos relatados, como organizadores principais de uma notícia. A opção pelo estudo do discurso relatado deve-se ao interesse de pesquisa em verificar a distância entre opinar e informar, já que esse último ato vem sendo responsabilizado pela idéia de objetividade que sustenta a caracterização do texto noticioso. O estudo do discurso relatado, em especial do que chamamos de discurso narrativizado, permitiu buscar possíveis respostas para a caracterização da notícia enquanto um gênero discursivo que se atualiza na tensão informar/opinar. Essa reflexão teórico-metodológica partiu da indagação: que importância adquire um gênero tratado como informativo, nas diferentes formas de concretização que o suporte oferece, que, na verdade, também inclui marcas discursivas de opinião? Não podemos desconsiderar a relevância dessa dualidade de organização discursiva, uma vez que um dos critérios para o êxito de um gênero é ter uma finalidade reconhecida: “a determinação correta dessa finalidade é indispensável para que o destinatário possa ter um comportamento adaptado em relação ao gênero de discurso” (Maingueneau, 1989:52).

2. Definindo o *corpus* de pesquisa

Em primeiro lugar, a escolha por observar textos publicados pela grande imprensa considerou o papel socializador do conhecimento que esta tem quando, ao retrabalhar temas e termos técnicos e científicos, permite a um público muito mais amplo ter acesso a tais informações. Ao lado desse critério, também foi fundamental observar a idéia de que o ato enunciativo básico da imprensa escrita seja informar obje-

² As atividades desenvolvidas pelo grupo se organizam sob duas perspectivas: a do estudo da linguagem em situação de trabalho, numa situação específica, e a que considera a linguagem como co-construtora de conceitos de/sobre o trabalho, em diferentes contextos discursivos.

tivamente. Assim, partimos da discussão de que a tensão existente entre opinar e informar é constituinte do texto jornalístico, o que faz com que a imprensa seja participante ativa dos movimentos sociais de um determinado grupo, no interior do qual ela é produzida. Por isso, nossa opção pela mídia, já que um de seus papéis é exatamente esse de funcionar como discurso de divulgação ou vulgarização da produção científica de determinada área do conhecimento. Cabe-lhe oferecer ao grande público a oportunidade de acompanhar os avanços do conhecimento, sem, contudo, necessariamente apresentá-lo como discurso especializado do mundo da ciência – haja vista que buscávamos uma aproximação ao mundo da Economia.

Essa orientação para a mídia e seu papel socializador do conhecimento definiu a primeira tomada de posição pela fonte dos discursos a serem selecionados como base do *corpus* de análise, que ficou constituído por: um recorte sobre 155 textos do jornal *Clarín* e 79 da *Folha de S. Paulo*, recolhidos ao longo de 4 meses; a seleção do *corpus* de pesquisa baseou-se no critério da circulação temática, segundo François (1989) e Bakhtin (1992:301 e 303), que trata do tema sempre no conjunto dos outros elementos da organização de um gênero, ficando estabelecido o período de 02 de março de 1997 (domingo) a 08 de março de 1997 (sábado) como o recorte da pesquisa, pois a semana contempla uma incidência quase diária de textos, em ambos os jornais, criando uma seqüência no tempo, de modo que questões anteriores são recuperadas e há remissão a questões que estão por vir.

Assim, selecionou-se o suporte jornal diário, aqui entendido como a capacidade de um mesmo jornal, ao expor visões heterogêneas, poder abrigar vários pontos de vista (por exemplo, haver colunas/notícias em que se identificam pontos de vista de cunho mais ou menos liberal, e outras mais ou menos estatizante). Quanto à relevância da natureza do suporte, no que concerne à divulgação dos valores atribuídos à informação pertinente ao mundo do trabalho, verificamos que apontava o espaço do jornal como privilegiado para o confronto de pontos de vista – a sua visibilidade social. Considerando que, de modo geral, a produção de discursos da imprensa escrita requer a liberdade de expressão e a pluralidade de visões sobre um mesmo objeto – pelo menos, os manuais de redação e/ou estilo consultados criam essa imagem para

seus veículos –, passa a ser relevante observar se o jornal se abre à exposição de discursos que expressam propostas opostas ou conflitantes (nascidas de diferentes pontos de vista), quando se fazem referências ao processo de integração regional no Mercosul.

Fica claro que estamos no campo do captar para informar, mas tendo a informação uma origem tomada como crível e, portanto, podendo ser consumida como verdade. E isso nos remeteu ao caminho da análise do jornal como lugar de produção discursiva, isto é, aquele que vai se caracterizar por valer-se de diferentes mecanismos lingüísticos característicos do “opinar”, mesmo quando seu objetivo é “informar”. Discutimos, pois, a definição pragmática de que o ato enunciativo básico da imprensa escrita seja o de informar.

Portanto, o percurso percorrido por um determinado fato para vir a ser divulgado a um conjunto ampliado de pessoas caracteriza-se por uma construção discursiva peculiar: a imprensa escrita quer apresentar-se como informadora, capaz de isentar-se de julgamentos. Podemos dizer, então, que o modo de operar da imprensa escrita baseia-se na premissa de que deve (e pode) apresentar os fatos que narra como estando “de fora” do evento. Ou seja, é o esforço de expor “objetivamente” os fatos recolhidos no mundo empírico e, ao mesmo tempo, participar dos processos sociais que quer objetivar.

Cria-se uma tensão entre esses dois pólos constitutivos da natureza do que se prescreve como sendo o papel da imprensa escrita: (a) por um lado, estar “fora”, isto é, transpor o fato social para o espaço discursivo do jornal, mantendo a objetividade; (b) por outro, estar “dentro”, isto é, enquanto espaço discursivo que reenvia sentidos ao espaço social, abrindo-se a posicionamentos ideológicos, já que ela mesma é integrante da sociedade na qual ocorrem os fatos sociais.

Essa tensão deixa traços no discurso, em diferentes níveis, podendo apontar tanto para uma adesão ou oposição claras aos fatos, quanto para uma omissão de certos detalhes que poderiam comprometer sua situação “de dentro”. Ou seja, denunciar aquele papel de participante do processo, que, se possível, não deveria ser nunca “visível”, salvo em determinados espaços especialmente destinados à apresentação de opinião nos jornais.

Assim, nossa hipótese de que a imprensa é uma das unidades que participam do processo de integração regional baseia-se: na contradição inerente à sua forma de constituir-se – estar “fora” e “dentro” dos fenômenos sociais e discursivos; na idéia de que essa contradição favorece uma tensão entre informar e opinar; na suposição de que a manipulação de informações participa dessa tensão – mesmo se a entendemos como parte do processo necessário de seleção do que informar ou não, por motivos de ordem prática, como espaço disponível ou recursos para encontrar mais detalhes sobre um tema.

É essa reflexão a base para o encaminhamento da delimitação de que marcas no plano discursivo vão permitir uma verificação das formas da imprensa escrita apropriar-se do mundo empírico, pois consideramos que certas estratégias discursivas de (des)informação, no contexto da imprensa escrita, podem apontar para um leitor mais ou menos (des)qualificado, dependendo do grau de tensão existente entre informar/opinar. No caso deste artigo, queremos observar marcas discursivas que nos auxiliem a identificar como o enunciador-jornalista introduz a palavra do outro no corpo da notícia, fazendo desse recurso a base mesma do gênero discursivo informativo.

3. Definindo categorias de análise: o papel do discurso relatado

Retornamos a Bakhtin e seu círculo (1992), no que tange à concepção dialógica da linguagem, para balizar a noção de discurso relatado que aqui estamos considerando. Como temos podido constatar, a AD francesa, ao desenvolver aplicações da proposta bakhtiniana, vem constituindo aproximações ao fenômeno da heterogeneidade discursiva³.

Para nosso estudo, interessa observar as formas de atualização da heterogeneidade discursiva a partir da noção de discurso relatado, que está sendo compreendido como um termo amplo, capaz de abranger várias formas de inclusão, mais ou menos clara, do discurso do

³ Há dois eixos no desenvolvimento desses estudos que são sempre citados: o de Ducrot, que analisou a polifonia, a partir de diferentes marcas lingüísticas, e o de Authier-Revuz, que tratou da heterogeneidade mostrada e constitutiva.

outro no fio condutor daquele que enuncia. Maingueneau (1989:86), tomando a questão do discurso relatado sob a perspectiva da noção de formação discursiva, afirma:

O sujeito que enuncia a partir de um lugar definido não cita quem deseja, como deseja, em função de seus objetivos conscientes, do público visado, etc. São as imposições ligadas a este lugar discursivo que regulam a citação.

Estamos, pois, no espaço discursivo da produção da imprensa escrita diária de dois países diferentes. Além disso, há as regras de coerção dos gêneros discursivos e do tema que se atualizam nessa organização textual específica. Portanto, a ocorrência de uma determinada citação deve ser compreendida como a possível e/ou a necessária, considerando todos os elementos que importam para aquela enunciação.

É preciso, então, dedicar atenção à relação entre a presença do discurso relatado num determinado contexto e sua função. Atribuir o citado a alguém – incluindo-se aqui as múltiplas formas de designação ou de apagamento, capazes de identificar mais ou menos precisamente o autor –, e oferecer marcas da representação fiel dessa retomada das palavras do outro, remetem à questão da verdade e da autoridade. A tensão entre o verdadeiro e o falso, isto é, o traço tênue entre a confiança e a desconfiança naquilo que a imprensa escrita divulga, neutraliza-se quando o enunciador utiliza, com sucesso, o discurso relatado como parte de suas estratégias para se fazer respeitar pela sociedade. O discurso que instaura uma verdade submete as opiniões, faz-nos desconfiar que talvez estivéssemos errados em nosso ponto de vista, quando não coincide com o exposto por aquela voz autorizada e verdadeira.

Essa busca da verdade vem reforçada, também, por dois mecanismos: (a) as formas de atribuição do dito, de designar o responsável pelo citado, que variam segundo gêneros, temas e contextos mais amplos; (b) as formas de distanciamento entre o discurso citante e o citado, por exemplo, os verbos *dicendi* e seus diferentes sentidos, as marcas tipográficas, a ausência/presença de pontuação, o uso de estruturas impessoais.

O distanciamento estabelecido pelo discurso citante, entretanto, guarda uma relação de ambigüidade com o discurso citado: “o locutor citado aparece, ao mesmo tempo, como o não-eu, em relação ao qual o locutor se delimita, e como ‘autoridade’ que protege a asserção. Pode-se tanto dizer que ‘o que enuncio é verdade porque não sou eu que o digo’, quanto o contrário” (Maingueneau, 1989:86).

Apresentamos, então, a visão que norteia nosso rumo de análise dos discursos citados que serão recolhidos de nosso *corpus*, ficando claro que estamos incluindo na categoria de discurso relatado um conjunto de mecanismos. Procuramos observar a combinação de marcas de pontuação, uso de aspas (menção autonímica)⁴, verbos *dicendi* e formas de discurso direto, indireto, discurso segundo⁵. No momento das análises, retomamos cada ocorrência e seus possíveis sentidos estratégicos para o contexto da citação. Assim, a força dos constituintes do gênero nos fez partir da noção de discurso relatado como elemento central: observar que há um relato de base, subjacente ao gênero notícia, determinou o enfoque da análise.

4. O papel do discurso relatado como estratégia organizadora da notícia

Na observação dos textos dos dois jornais, como primeiro passo, identificamos a incidência das formas do relato que atribuem o citado a alguém de forma clara. Uma manifestação bastante óbvia disso são as *entrevistas* encontradas no *Clarín*. A entrevista caracteriza-se, segundo nosso ponto de vista, por ser a forma mais explícita do efeito de restituição exata das palavras atribuídas ao outro, garantindo a fonte como verdadeira e crível. Sua estruturação anuncia de forma clara tal pretensão, na nítida separação entre pergunta-resposta, cabendo aos

⁴ Trata-se do uso e da menção concomitantes, “a palavra entre aspas (e/ou em itálico) apresenta a particularidade de acumular menção e uso (...) [ficando] ao mesmo tempo, mostrada, marcada como estranha e integrada à seqüência do enunciado” (Maingueneau, 1989:89).

⁵ Discurso segundo: refere-se à forma de introduzir discurso do outro a partir de certos marcadores – por exemplo: segundo fulano; a partir de fontes bem informadas; ... parece que; ... diz-se que; ...para fulano (Maingueneau, 1998:117).

recursos tipográficos papel fundamental nessa organização. Recupera-se, assim, não só a voz do outro, como também todo um efeito da situação de enunciação entre jornalista e entrevistado, como se estivesse ocorrendo naquele momento. Para o período definido para o nosso corpus, esse procedimento está ausente da *Folha de S. Paulo*.

Avançando a análise, percebemos que o *discurso direto* (DD) parece ter duas formas predominantes:

(a) dá-se integralmente a palavra ao outro, uma pessoa específica, palavra essa que está encadeada na enunciação citante, com a presença de recursos tipográficos, tais como o uso de dois pontos e aspas, e também de um verbo dicendi; temos, então, também o efeito de restituição exata das palavras atribuídas a esse outro, garantindo a fonte como verdadeira e crível – essa concepção de DD corresponde às estruturas⁶:

*Malán, que visitó ayer a Roque Fernández en el Ministerio de Economía, informó lo siguiente: “Nuestro gobierno está firmando acuerdos para refinanciación de deudas com los estados federados. Y una de las condiciones que impondremos son las **restricciones**⁷ al otorgamiento de subsidios y privilegios impositivos”*(C, 07/03).

«Essa é a nossa resposta aos incentivos dentro do Mercosul, em especial no Brasil», disse o secretário de Produção e Emprego da Província, Carlos Brown (FSP, 07/03).

(b) o enunciador-jornalista incorpora fragmentos do discurso do outro, por meio do emprego de marcas tipográficas, as aspas ou o itálico, que delimitam as fronteiras de uma citação; essa estratégia também participa do processo de reconstituição da palavra como se supõe ter sido dita pelo outro, mas não mais como um conjunto totalmente identificado como fora do citante: são as chamadas *ilhas de discurso*

⁶ Os trechos em itálico nos fragmentos retirados dos jornais correspondem à identificação que fazemos dos elementos em destaque, em cada uma das estratégias identificadas.

⁷ Os fragmentos dos textos dos jornais mantêm fielmente o emprego do negrito do original.

*direto*⁸, é uso e citação ao mesmo tempo, cujo emprego caracteriza que o enunciador-jornalista divide com o outro os sentidos nascidos de tal emprego – localizamos essa estratégia, por exemplo, em :

Según le dijeron fuentes de la delegación argentina a esta corresponsal, Brasil quiere mostrar “*la casa en orden*” (C, 02/03).

Según el ministro, son «*estímulos artificiales*» (...) Pero los brasileños retrucan que ellos colocan incentivos, dado que aquí la industria automotriz goza de un régimen «*promocional*» (C, 07/03).

Não localizamos incidência dessa estratégia na *Folha de S. Paulo*.

Observamos que a ocorrência de discurso relatado conta, até aqui, com pelo menos três possibilidades distintas: a entrevista, o clássico discurso direto e a ilha de discurso direto. Prosseguindo nosso estudo, verificamos que uma outra forma muito recorrente, em ambos os jornais, de inclusão do citado é o *discurso indireto* (DI): o enunciador-jornalista não tem mais como propósito demonstrar que a palavra exposta é exatamente a que foi dita em outra situação enunciativa; o efeito, agora, é o de uma reformulação, assumida enquanto tal, que traz o citante e o citado para um só ato enunciativo. Em nosso estudo, definimos como fronteira de identificação de um DI a existência obrigatória da estrutura *verbo dicendi + que (se, como)*, capaz de indicar que o enunciador-jornalista é a fonte da recuperação da situação anterior e responsável pelo ato de fala, mas deixa registrado no enunciado a quem atribui o citado, conforme podemos verificar em:

Estímulo a las inversiones: *el gobierno de Fernando Henrique Cardoso argumenta que **nada puede hacer** frente a las políticas que lanzan los diferentes estados brasileños para atraer inversiones extranjeras* (C, 06/03).

O secretário de Indústria argentino, Alieto Guadagni, disse que o governo irá compensar as montadoras do país, sem especificar como (FSP, 08/03).

⁸ Conforme Maingueneau (1998:129), “o enunciador citante isola com itálico ou aspas um fragmento que ele menciona e utiliza ao mesmo tempo (...); o fragmento assim atribuído ao enunciador do discurso citado recebe o nome de ilha textual ou ilha enunciativa”.

No sentido de observar outras ocorrências de discurso relatado, identificamos, entre o discurso direto e o indireto, a *modalização em discurso segundo*. Rosier (1999:186-7), ao observar a questão da atribuição do discurso, comenta que a forma “segundo A” corresponde a verbos de opinião do tipo “imagina que, pretende que, afirma que”, como recurso para personalizar a experiência de um indivíduo. Esse discurso segundo, então, pode ter afinidades com o DD e o DI, ao explicitar claramente sua fonte de informações, mesmo que ela esteja deslocada do contexto frasal que contém o marcador, como, por exemplo, em:

[*Los empresarios se quejaron por ...*] *Según comentaron*, esas ventajas impositivas crearán asimetrías entre la industria automotriz brasileña y la argentina (C, 06/03).

Segundo ele [Malan], o governo federal está exigindo o fim dos incentivos estaduais nas negociações das dívidas junto à União (FSP, 07/03).

Por seu lado, Malan relativizou o alcance do decreto federal que deu facilidades fiscais para as montadoras que quiserem se instalar no Norte, Nordeste e Centro-Oeste (FSP, 07/03).

Fica clara sua participação na mesma estratégia de atribuição da palavra ao outro, porém a partir de outros mecanismos discursivos. O efeito de recuperação da enunciação tal como foi feita pelo citado, entretanto, aproxima-se mais do sentido estabelecido para a forma do DI, isto é, uma reformulação assumida como tal.

Observamos, ainda, que se pode aumentar ou diminuir a precisão da origem da informação, fazendo do discurso segundo uma estratégia de deslizamento da atribuição direta para uma forma mais indireta, despersonalizando o discurso citado, mas reenviando à idéia de que se o citante inclui tal discurso no fio da sua enunciação é porque tem caráter de verdade:

Según dijeron fuentes de la delegación argentina a esta corresponsal, Brasil quiere mostrar “la casa en orden” (C, 02/03).

*Se estima que ese será el lugar donde los empresarios de ambos países pondrán sobre la mesa todos los problemas que aún no se han resuelto. Las especulaciones previas a la visita de Malán hacen suponer que el funcionario brasileño apuntará a **disipar** los recelos que crecen del lado argentino respecto a temas puntuales: (...) (C, 06/07).*

La preocupación del gobierno de Duhalde por dar incentivos a la inversión está vinculada, *según trascendió*, a la advertencia de la Toyota (C, 07/03).

Não localizamos incidência dessa estratégia na *Folha de S. Paulo*.

Até aqui, verificamos que o discurso relatado inclui, no *corpus* em estudo, como formas de recuperar o dito por outras vozes, as seguintes estratégias: a entrevista, o discurso direto e o discurso indireto – ambos no sentido estrito –, o emprego de ilhas de DD no discurso citante e o discurso segundo. Percebemos que existe, ainda, uma outra forma de relato que recupera o dito em outros contextos enunciativos, mas agora de uma forma peculiar: o *intertexto*, como uma marca mais atenuada da presença do discurso do outro. Esse recurso pode estar apresentado como parte de um conjunto de informações dadas pelo enunciador-jornalista, não lhe sendo atribuído nenhum verbo de ação, ou, ao contrário, cabendo-lhe uma ação que desencadeia reações.

No nosso *corpus*, optamos por identificar o intertexto que funciona como recurso de apoio para a apresentação de números, estatísticas, conteúdo de leis e acordos, com alguma ação podendo ser-lhe atribuída. O efeito de sentido aproxima-se das idéias de credibilidade e verdade, já que pertence ao campo das certezas técnicas, do campo da legalidade, como em:

Os incentivos brasileiros geraram mal-estar em Buenos Aires, principalmente depois da decisão da Fiat de destinar a Minas Gerais investimentos de US\$ 120 milhões, que, em princípio, estariam previstos para Córdoba (FSP, 07/03).

O decreto 367 [argentino] isenta, a partir desta semana, todas as indústrias do pagamento dos seguintes impostos: imobiliária-

rio, receita bruta e municipal. (...) *O decreto provincial não inclui* as montadoras de automóveis entre as beneficiadas pela redução dos impostos. (...) Por seu lado, Malan relativizou o alcance do *decreto federal que deu facilidades fiscais para as montadoras* que quiserem se instalar no Norte, Nordeste e Centro-Oeste (FSP, 07/03).

O acordo do setor automotivo deverá fixar a quantidade de veículos de montadoras argentinas não instaladas no Brasil que poderá ser vendida no mercado nacional em condições mais favoráveis (FSP, 08/03).

O acordo automotivo fixou uma quota adicional de carros que a Argentina exportará ao Brasil, como compensação aos incentivos fiscais criados pelos brasileiros (FSP, 08/03).

Los empresarios se quejaron... Según comentaron, *esas ventajas impositivas crearán* asimetrías entre la industria automotriz brasileña y la argentina. En realidad, *las exenciones en el nordeste brasileño superan* las ventajas que ya tienen las empresas automotrices en el resto del territorio brasileño: (...) (C, 06/03).

Los subsidios que brindan los Estados (provincias) brasileños, en especial los del norte y nordeste, son tan amplios que *arrastran inversiones* que originariamente estaban pensadas para la Argentina, y otras zonas centrales del propio Brasil, generando perocupación en San Pablo, Porto Alegre y Curitiba (C, 07/03).

Poderíamos tratar a ocorrência do intertexto como uma subdivisão do DI, mas, se observamos a natureza da sua fonte, percebemos que esta é diversa da que se costuma atribuir ao DI: não se trata de uma fonte-pessoa, mas de documentos que adquirem força para serem responsáveis pela execução de diferentes ações.

A observação do funcionamento do intertexto como discurso relatado fez-nos desenvolver a seguinte reflexão: o enunciador-jornalista, ao construir seu enunciado dando a posição de sujeito da ação a um documento, deixa pouco marcado o relato – *O decreto 367 [argentino] isenta; O acordo automotivo fixou; (...) las exenciones (...) superan; Los subsidios (...) arrastran.*

Compreender tal enunciação como relato requer que consideremos que o enunciador-jornalista teve acesso a tais fontes – e delas retirou o que expor – ou a pessoas, conhecedores do teor de tais documentos. Esse entendimento do intertexto, como parte integrante da categoria de discurso relatado, abriu-nos uma possibilidade de constatar a existência de uma outra forma de o enunciador-jornalista construir sua enunciação: a de um *discurso narrativizado*. Esse tipo de relato, entendemos, é a forma mais apagada da atribuição do discurso a outro e, ao confundir-se com a idéia de “informar objetivamente”, corresponde a uma forma narrativizada máxima de um possível discurso indireto⁹.

Estamos nos referindo a enunciados cuja existência é apresentada pelo enunciador-jornalista como sendo um dizer que este capta e transforma, apagando a fonte do relato de forma decisiva. Essa narrativa de algo que sucedeu, ou virá a suceder, aproxima-se daquilo que os estudos da comunicação costumam delimitar como “a informação objetiva”, sem expressão de opinião, modelo a ser atingido por todo profissional que queira dominar o fazer jornalístico:

Entre hoy y mañana, los máximos responsables de las economías del Brasil y de la Argentina intentarán dar señales de que no hay conflictos de intereses entre los dos países. Y trasladarán al terreno de los empresarios las disputas puntuales que salieron a la luz los últimos días (C, 06/03).

Los industriales de las principales empresas automotrices se fueron a quejar ayer ante diputados. La protesta fue por los subsidios que aplica el Brasil en ese sector y que ofician de aspiradora de inversiones hacia el nordeste del vecino y socio (C, 06/03).

El ministro de hacienda de Brasil, Pedro Malan, se comprometió ayer, en nombre del gobierno de su país, a poner límites a la política de otorgamiento de subsidios que sus estados federados utilizan para incentivar la radicación de industrias (C, 07/03).

⁹ Rosier (1999:130) questiona se as formas *Il parle politique / il dit être prête / son discours fut rapide* justificam uma denominação própria. Para ela, as formas de contextualizar exemplos semelhantes a esses podem justificar uma forma narrativizada máxima do discurso indireto.

Os ministros da Fazenda, Pedro Malan, e das relações Exteriores, Luiz Lampreia, desembarcam hoje em Buenos Aires para explicar aos argentinos a posição brasileira frente ao Mercosul (FSP, 05/03).

A filial da Ford confirmou sua decisão de investir US\$ 1 bilhão em suas instalações no país, apesar da política brasileira de benefícios fiscais para as indústrias automobilísticas (FSP, 07/03).

O que observamos nesses fragmentos? Exatamente o apagamento da fonte das informações, fornecidas pelo enunciador-jornalista ao seu co-enunciador: quem disse que os industriais foram se queixar? que o ministro se comprometeu? que Pedro Malan e Lampreia desembarcariam tal data, em tal lugar? que a Ford confirmou sua decisão? Os próprios ou outras fontes?

Incluir essa ocorrência como forma de relato mostrou-se uma categoria muito produtiva e interessante para observar a constituição do gênero notícia. É polêmica, é de difícil identificação, sem dúvida, mas talvez por isso mesmo tenha se mostrado tão importante para nosso objetivo de compreender a notícia como instituída na tensão informar/opinar.

Assim, como forma de sistematizar esse processo de identificação de ocorrências de discurso relatado no nosso *corpus*, das mais explícitas em relação à atribuição do dito a outro, até a mais apagada, propomos a organização de um *continuum*: numa ponta está a ocorrência mais explícita dessa atribuição (a entrevista), enquanto na outra está a forma mais apagada, o discurso narrativizado, muitas vezes de difícil identificação como relato, por confundir-se com a idéia de “informar”¹⁰. Rosier (1999), em seu estudo dedicado a questões de ordem teórica e prática do discurso relatado, trabalha com a idéia do *continuum* realizado no discurso. Aponta para algumas direções possíveis, por exemplo, as apresentadas como clássicas: do DD ao Discurso narrativizado (DD-----DI-----DN); ou do DI ao DD (DI-----DIL-----DD).

¹⁰ Poderíamos discutir se essa forma pode ser tratada como uma variação do discurso indireto; contudo, para nossos objetivos, manteremos uma separação entre essas ocorrências, deixando para o DI a ocorrência clássica, *stricto sensu*, já indicada.

A autora propõe-se a uma organização¹¹ que, contudo, não abarca as ocorrências observadas no nosso *corpus* de pesquisa. Nossa proposta de gradação tem como base, pois, tais estudos que consideram a possibilidade de organizar-se um *continuum* de discursos relatados. Esses estudos ressaltam que se perdem elementos do relato, ao passar de um nível ao outro dessa gradação, e que a “palavra original” é sempre tratada como verdadeira, guardando sua retomada essa força enunciativa.

Observamos que o enunciador-jornalista, ao criar um espaço enunciativo marcado como diferente do seu, para introduzir o discurso relatado, pode fazê-lo de formas bem diferentes e, por isso, criar efeitos proporcionalmente distintos. Desse modo, as formas de atribuição do dito definem as possibilidades de organização de nossa gradação, segundo as ocorrências verificadas em nosso *corpus*, o que não quer dizer que possa ser transferida a qualquer outro, sem que sejam feitos os ajustes adequados às situações de enunciação em observação.

Nossa escala funda-se não numa hierarquização das múltiplas formas de introdução do DR, mas sim, considera uma progressão de uma enunciação que se mostra mais ou menos claramente como discurso citado que pressupõe um citante. Desse modo, com base no nosso *corpus*, registramos o seguinte *continuum*:

(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)
entrevistas	discurso direto	ilhas de discurso direto	discurso segundo	discurso indireto	intertexto	discurso narrativizado

Figura 1: *Continuum* de discurso relatado: do efeito de restituição exata ao apagamento do outro

É preciso observar, ainda, que:

- (a) quanto mais explícita a presença do outro como responsável pelo citado (itens 1, 2, 5 e certas ocorrências de 3, 4 e 6), menor é a responsabilidade do citante pelo conteúdo do citado;

¹¹ A autora propõe a seguinte gradação: forma verbal do condicional, modalização em discurso segundo, formas em *dizer que* / *dizer*: “...”, formas clássicas do DD e o DI (Rosier, 1999: 138).

- (b) os verbos introdutórios, ou as formas nominalizadas da ação, têm papel relevante na identificação da relação citante/citado;
- (c) os tipos de ocorrências apresentadas nos itens 4, 5, 6 e 7 têm pontos de aproximação que dificultam o estabelecimento de fronteiras muito claras; por questão de ordem metodológica e em vista de nosso objetivo de aproximarmos à noção de gênero notícia, optamos por fazer essa separação de caráter organizativo.

Na busca de demonstrar o papel do DR na constituição do efeito de objetividade informativa do texto noticioso, foi possível constatar que a noção de Discurso Narrativizado, como captação de outro discurso – que poderia ter aparecido originalmente sob a forma de qualquer outro recurso de citação mais identificador da fonte –, inclui e identifica a voz do enunciador-jornalista no processo contraditório inerente à organização do gênero notícia: informar, mas deixando registradas no discurso marcas reveladoras de opiniões que não deveriam estar identificáveis.

5. Conclusões

Em primeiro lugar, acreditamos estar trazendo uma reflexão metodológica importante sobre a forma de a notícia constituir-se, enquanto gênero discursivo, na tensão informar/opinar. E, em segundo, ao retomar estudos sobre discurso relatado, para a caracterização da notícia enquanto gênero em busca da objetividade. Percorremos um caminho que nos levou à observação das ocorrências de discurso relatado (DR), hierarquizadas num *continuum*, como organizador textual básico do gênero notícia. Desse modo, o relato, nas suas várias formas de concretização, cresce como o responsável pela ilusão do ato pragmático de informar objetivamente ser tomado como definidor da notícia, em especial o identificado como discurso narrativizado.

Esse discurso narrativizado, enquanto estratégia discursiva que compõe o conjunto das estratégias do DR, pertence ao grupo de marcas lingüísticas que identifica o enunciador-jornalista, isto é, torna-se um elemento fundamental para desfazer a ilusão da objetividade. O enunciador-jornalista, ao selecionar e organizar as incidências do DR, cria efeitos diferentes para a idéia de interação e de co-enunciador, como

vimos nos exemplos extraídos das notícias: logo, ser objetivo é uma tendência a perseguir, nunca uma forma concreta pré-atribuída.

Isso importa muito especialmente para a imagem de co-enunciador que se quer construir, já que não se pode interpretar um enunciado que não se sabe a que gênero reportar. Em nada desmerece o enunciador-jornalista tal concepção de gênero notícia, como instituído na tensão informar/opinar, e baseada no papel discursivo do discurso relatado. Muito pelo contrário, traz para as discussões teóricas e práticas um nível muito mais relevante do fazer jornalístico.

Enviado em: 05/2000. Aceito em: 10/2002.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M. 1992 *Estética da criação verbal*. Martins Fontes.
_____. 1995 *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7ª ed. Hucitec.
FRANÇOIS, F. 1989 De quelques aspects du dialogue psychiatre-patient. Places, genres, mondes et compagnie. *CALaP*, 5: 39-89.
MAINGUENEAU, D. 1989 *Novas tendências em análise do discurso*. Pontes/Ed. da Unicamp.
_____. 1998 *Analyser les textes de communication*. Dunod.
ROSIER, L. 1999 *Le discours rapporté. Histoire, théories, pratiques*. Duculot.
SANT'ANNA, V.L.A. 2000 *Mercosul em notícia: uma abordagem discursiva do mundo do trabalho*. Tese de Doutorado, LAEL – PUC/SP.

Vera Lucia de Albuquerque Sant'Anna is a professor at the Master's course in Languages, major in Linguistics, and at the Neo-Latin Languages Department of the Languages Institute of the State University of Rio de Janeiro (UERJ). She holds a Ph.D. in Applied Linguistics from the Catholic University of São Paulo, and develops and supervises research in the areas of enunciation-based Discourse Analysis and foreign language teachers' education. She has published several studies on the relationship between enunciative heterogeneity and meaning construction in different genres. She has received a research grant from UERJ/FAPERJ, and at the moment she is involved in the research "Discourse practices of enunciative heterogeneity".